

SAÚDE E AMBIENTE

V.9 • N.3 • 2024 - Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3798

ISSN Impresso: 2316-3313

DOI: 10.17564/2316-3798.2024v9n3p439-457



CORRELAÇÃO ENTRE ANSIEDADE E USO DE ANSIOLÍTICOS ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DA ÁREA DE SAÚDE

CORRELATION OF ANXIETY AND USE OF ANXIOLYTICS AMONG COLLEGE STUDENTS IN HEALTHCARE FIELD

CORRELACIÓN ENTRE ANSIEDAD Y USO DE ANSIOLÍTICOS ENTRE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS DEL ÁREA DE SALUD

Mara Dantas Pereira¹

Míria Dantas Pereira²

Michele Fraga de Santana³

Joilson Pereira da Silva⁴

João Alves de Moraes Filho⁵

Caique Anizio Santos da Rosa⁶

Paola Fernanda Santos Antunes⁷

RESUMO

A etapa universitária, importante para o desenvolvimento cognitivo e emocional, impõe desafios significativos aos estudantes em transição para a idade adulta. Evidências na literatura científica indicam um aumento nos níveis de ansiedade, especialmente entre estudantes universitários da área da saúde. Este aumento é atribuído à necessidade de adaptação às demandas do ensino superior, que incluem longas horas de estudo, acúmulo de tarefas acadêmicas e estágios em ambientes hospitalares e de atenção primária. Os sintomas de ansiedade podem levar ao uso inadequado de medicamentos ansiolíticos entre esses estudantes. Assim, este estudo analisou a correlação entre a ansiedade e o uso de ansiolíticos entre estudantes universitários da área de saúde. Trata-se de um estudo transversal, descritivo-correlacional realizado via web survey com 286 universitários. Destes participantes, a maioria foi mulheres (77,9%), com uma média de idade de 23,3 anos (desvio-padrão = 4,9). Destaca-se que 39,86% dos indivíduos usavam medicamentos ansiolíticos, sendo a maioria veteranos (87,9%), oriundos das regiões Nordeste, Sudeste e Sul. O uso de medicamento ansiolítico era feito por 58,8% dos estudantes com alta ansiedade-traço e em 60,5% daqueles com ansiedade-estado moderada. Também houve associação significativa entre o uso de medicamentos e o tipo de universidade, assim como correlação negativa e fraca entre idade e ansiedade-traço. Conclui-se que a correlação identificada entre a ansiedade e o uso de ansiolíticos em estudantes universitários da área de saúde ressalta a necessidade de intervenções institucionais. As universidades têm um papel importante ao promover estratégias eficazes de gerenciamento da ansiedade e ao integrar medidas para atenuar seus sintomas nos programas de apoio psicológico aos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE

Ansiedade. Ansiolíticos. Estudantes Universitários. Saúde Mental.

ABSTRACT

The university stage, crucial for cognitive and emotional development, poses significant challenges to students transitioning into young adulthood. Scientific literature provides evidence of increased anxiety levels, particularly among health science university students. This increase is attributed to the need to adapt to the demands of higher education, which include long hours of study, accumulation of academic tasks, and internships in hospital and primary care settings. Anxiety symptoms can lead to the misuse of anxiolytic medications among these students. Thus, this study examined the correlation between anxiety and the use of anxiolytics among health science university students. This cross-sectional, descriptive-correlational study was conducted via a web survey with 286 university students. Of these participants, the majority were women (77.9%), with an average age of 23.3 years (standard deviation = 4.9). It is noteworthy that 39.86% of the individuals used anxiolytic medications, with the majority being veterans (87.9%), originating from the Northeast, Southeast, and South regions. Anxiolytic medication use was reported by 58.8% of students with high trait anxiety and 60.5% of those with moderate state anxiety. There was also a significant association between medication use and the type of university, as well as a weak negative correlation between age and trait anxiety. It is concluded that the identified correlation between anxiety and the use of anti-anxiety medications among health field university students underscores the need for institutional interventions. Universities play a significant role in promoting effective anxiety management strategies and in integrating measures to alleviate symptoms into their student psychological support programs.

KEYWORDS

Anxiety; Anxiolytics; university students; Mental Health.

RESUMEN

La etapa universitaria, importante para el desarrollo cognitivo y emocional, impone importantes desafíos a los estudiantes en su transición a la edad adulta. La evidencia en la literatura científica indica un aumento en los niveles de ansiedad, especialmente entre estudiantes universitarios en el campo de la salud. Este aumento se atribuye a la necesidad de adaptarse a las demandas de la

educación superior, que incluyen largas jornadas de estudio, acumulación de tareas académicas y prácticas en entornos hospitalarios y de atención primaria. Los síntomas de ansiedad pueden llevar al uso inadecuado de medicamentos ansiolíticos entre estos estudiantes. Así, este estudio analizó la correlación entre la ansiedad y el uso de ansiolíticos entre estudiantes universitarios del ámbito de la salud. Se trata de un estudio transversal, descriptivo-correlacional, realizado mediante encuesta web a 286 estudiantes universitarios. De estos participantes, la mayoría eran mujeres (77,9%), con una edad promedio de 23,3 años (desviación estándar = 4,9). Se destaca que el 39,86% de los individuos utilizaron medicamentos ansiolíticos, la mayoría de los cuales eran veteranos (87,9%), de las regiones Nordeste, Sudeste y Sur. El uso de medicamentos ansiolíticos fue del 58,8% de los estudiantes con alta ansiedad rasgo y en el 60,5% de ellos con estado de ansiedad moderado. También hubo una asociación significativa entre el uso de medicamentos y el tipo de universidad, así como una correlación negativa y débil entre la edad y el rasgo de ansiedad. Se concluye que la correlación identificada entre la ansiedad y el uso de ansiolíticos en estudiantes universitarios del área de la salud resalta la necesidad de intervenciones institucionales. Las universidades tienen un papel importante en la promoción de estrategias efectivas de manejo de la ansiedad y la integración de medidas para aliviar sus síntomas en los programas de apoyo psicológico para estudiantes.

PALABRAS CLAVE

Ansiedad; Ansiolíticos; Estudiantes Universitarios; Salud Mental.

1 INTRODUÇÃO

O ingresso na universidade é um marco importante na vida de muitos jovens. De fato, é um período de transformações maturacionais, incluindo mudanças fisiológicas, neurológicas e psicológicas que ocorrem durante a transição da adolescência para a vida adulta (SILVA; COSTA, 2012). Essa transição pode ser desafiadora, pois exige adaptação a um novo papel social e mudanças em vários aspectos da vida do universitário (FERREIRA *et al.*, 2009; PEREIRA; RAMOS, 2021).

Em vista disso, especificamente, os estudantes universitários da área da saúde enfrentam desafios em sua experiência acadêmica que podem afetar negativamente sua saúde física e mental (CARLI *et al.*, 2022). Esses desafios incluem altas horas de ensino, sobrecarga de tarefas acadêmicas e estágios curriculares em ambientes hospitalares e de atenção primária, onde podem ser expostos a situações estressantes relacionadas a doenças e ao processo de adoecimento (CHATTU *et al.*, 2020).

Assim, a exposição a um ambiente desafiador durante a formação acadêmica pode aumentar a suscetibilidade ao desenvolvimento da ansiedade, afetando negativamente o desempenho acadêmico e o bem-estar do estudante universitário (BALAPALA; INDLA, 2017). Nesse contexto, destaca-se que a ansiedade é definida como um estado mental de inquietação e desordem caracterizado pela

presença de preocupação, evitação e reatividade ou excitação emocional que causam um estado emocional irreal e desagradável no indivíduo (GAMA *et al.*, 2021).

É nesse sentido que se esclarece que a ansiedade pode ser entendida de duas formas distintas: ansiedade traço e ansiedade estado. No espaço universitário, a ansiedade traço é entendida como uma característica estável da personalidade (MACHADO *et al.*, 2016), que predispõe o estudante a perceber a universidade como ameaçadora e perigosa, causando níveis de ansiedade desproporcionais à situação (BALAPALA; INDLA, 2017). Por outro lado, a ansiedade de estado é caracterizada como um estado emocional transitório (MACHADO *et al.*, 2016) que gera sintomas como nervosismo, preocupação e apreensão relacionados à excitação sentida nesse ambiente (GAMA *et al.*, 2021).

Pesquisas globais indicam que a prevalência de ansiedade é maior em estudantes universitários do que em jovens adultos não universitários na faixa etária de 18 a 22 anos. Auerbach *et al.* (2016) relataram uma prevalência de 31% (n = 1.572) entre os estudantes, em comparação com uma prevalência menor de 21,4% (n = 4.178) entre os não estudantes. Em um estudo posterior, Auerbach *et al.* (2018) descobriram que 31,1% (n = 13.984) dos estudantes tinham um quadro de ansiedade. No contexto brasileiro, Demenech *et al.* (2021) estimaram que aproximadamente 37,75% (n = 3.193) dos alunos do ensino superior apresentavam sintomas de ansiedade.

Diante desse cenário, os sintomas de ansiedade podem levar ao uso impróprio de ansiolíticos prescritos entre estudantes universitários da área da saúde (PÉREZ *et al.*, 2023). Esses estudantes são particularmente vulneráveis ao uso indevido desses psicotrópicos, pois possuem um certo grau de independência econômica, estão livres da supervisão direta dos pais ou responsáveis e têm maior probabilidade de experimentar esses medicamentos para lidar com a sobrecarga de atividades curriculares (NOGUEIRA *et al.*, 2021; SOUZA *et al.*, 2022). Além disso, quanto à automedicação com ansiolíticos e antidepressivos, um estudo apontou que o conhecimento adquirido em instituições educacionais, especialmente voltados para a ciência da saúde, propicia uma maior confiança para o consumo inadequado de tais medicamentos (ALENCAR *et al.*, 2022).

Para apoiar essa perspectiva, a relação entre o uso de medicamentos ansiolíticos e a ansiedade foi investigada principalmente entre estudantes universitários. Um estudo global realizado por Auerbach *et al.* (2018) revelou que 12,6% dos estudantes universitários com sintomas de ansiedade estavam usando esses medicamentos. Entre os mais comumente usados estão os benzodiazepínicos (BZD; 5,9%), os inibidores seletivos da recaptção de serotonina (ISRS; 3,9%) e os inibidores da recaptção de serotonina-norepinefrina (IRSN; 2,2%). No Brasil, uma pesquisa constatou que 24,3% dos estudantes de medicina usavam medicamentos antidepressivos e/ou ansiolíticos (SOUZA *et al.*, 2022).

A literatura também indica que as estudantes universitárias são mais vulneráveis à ansiedade (BLANCO *et al.*, 2021) e ao uso de medicamentos ansiolíticos (Martínez-Líbano *et al.*, 2023). Essas evidências sugerem a necessidade de uma análise mais detalhada das possíveis diferenças relacionadas ao sexo. Embora existam estudos a esse respeito, a prevalência de ansiedade e o uso de medicamentos ansiolíticos geralmente são tratados separadamente na literatura nacional. Da mesma forma, os estudos empíricos nacionais sobre prevalência tendem a se concentrar em amostras de estudantes de medicina (CHATTU *et al.*, 2020; SOUZA *et al.*, 2022) e de enfermagem (MARCHI *et al.*, 2013; PAIXÃO *et al.*, 2021).

Este artigo, considerando a escassez de pesquisas no Brasil sobre a correlação entre ansiedade e consumo de ansiolíticos, especialmente entre universitários da área de saúde que atuam diretamente no setor de saúde, apresenta uma contribuição ao analisar a correlação entre ansiedade e uso de ansiolíticos entre universitários da área de saúde.

2 MÉTODO

Este é um estudo transversal, descritivo-correlacional, via *web survey*. O cenário da pesquisa abrangeu três regiões geográficas do Brasil (Nordeste, Sudeste e Sul). A coleta de dados foi on-line e ocorreu de 15 de setembro a 14 de outubro de 2021, em um período de 30 dias. A amostra foi composta por estudantes universitários de graduação na área de saúde.

2.1 PARTICIPANTES

O estudo incluiu 286 estudantes universitários de 13 cursos de graduação diferentes nas áreas de ciências biológicas e da saúde (biologia, biomedicina, educação física, enfermagem, farmácia, fisioterapia, fonoaudiologia, medicina, nutrição, odontologia, psicologia, quiropraxia e terapia ocupacional). Os participantes foram selecionados por conveniência (amostragem não probabilística) e por atenderem aos seguintes critérios: (a) estar cursando graduação na área de saúde em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, (b) estar matriculado no primeiro período ou em qualquer período subsequente, (c) ter 18 anos de idade ou mais e (d) ter acesso à Internet.

Por outro lado, os critérios de exclusão compreendem estudantes que, no momento da coleta de dados, já terão concluído o curso e que não preencherão o instrumento completo, e aqueles com matrícula ativa em cursos de pós-graduação *stricto sensu* em níveis de Mestrado e Doutorado.

Ademais, os alunos são de diferentes instituições de ensino, públicas, privadas e comunitárias, e de alguns estados brasileiros das regiões Nordeste (Alagoas, Bahia e Sergipe), Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná e Rio Grande do Sul).

2.2 INSTRUMENTOS

Questionário Sociodemográfico e Clínico elaborado pelos autores especificamente para este estudo: abordou questões como idade, etnia, sexo, estado civil, estado, curso, período, universidade, sintomas (físicos e psicológicos) de ansiedade e histórico de uso de medicação ansiolítica.

Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE): criado por Spielberger *et al.* (1970) e validado no Brasil por Biaggio e Natalício (1979). O coeficiente alfa de Cronbach do instrumento é de 0,86 a 0,95 (SPIELBERGER *et al.*, 1980). Ele consiste em duas escalas de 40 itens distribuídas em um formato Likert de quatro pontos, variando de “4 - muito” a “1 - absolutamente não”. A primeira escala avalia o estado de ansiedade (IDATE-E), e a segunda avalia o traço de ansiedade (IDATE-T). Cada parte ava-

liativa consiste em 20 alternativas (GRÖS *et al.*, 2007). Neste estudo, o alfa de Cronbach foi de 0,85, revelando que a consistência interna dos dados é satisfatória.

2.3 PROCEDIMENTOS

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tiradentes (UNIT) – CAAE nº 20058919.5.0000.5371 e atendeu aos padrões nacionais e internacionais de ética em pesquisa envolvendo seres humanos.

Para a coleta de dados, inicialmente, contatos foram estabelecidos por e-mail com as coordenações dos cursos de graduação da área da Saúde da Universidade Tiradentes, campus Aracaju, solicitando apoio na divulgação da pesquisa. Em resposta, as coordenações enviaram um convite de participação, que continha o *link* para o questionário elaborado na plataforma Google *Forms*, aos alunos com matrículas ativas nesses cursos. Para aumentar a diversidade e o número de participantes, estudantes de outras instituições foram convidados a participar. O questionário foi então divulgado nas redes sociais dos autores (Facebook e Instagram), utilizando a técnica de amostragem “bola de neve”. Nessa técnica, os indivíduos selecionados convidam novos participantes de sua rede de amigos e conhecidos (ZICKAR; KEITH, 2023).

Em geral, ao acessar o *link* do questionário, os respondentes eram direcionados para a tela do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que assegurava a participação voluntária e o anonimato. O consentimento foi obtido por meio de aceitação eletrônica, e era necessário clicar em “Concordo em participar da pesquisa” para continuar. Em seguida, os participantes foram direcionados para uma página que continha o questionário sociodemográfico/clínico e o IDATE, com duração média de 20 minutos.

2.4 ANÁLISE DE DADOS

Inicialmente a normalidade das variáveis foi testada utilizando o teste de Kolmogorov-Smirnov com correção de Lilliefors ($p > 0,05$). Os dados sociodemográficos e clínicos foram expressos em média e desvio-padrão para as variáveis contínuas e percentuais para as variáveis categóricas. Em seguida, foi realizado o teste exato de Fisher em tabelas quadráticas (linhas e colunas têm o mesmo número) e o teste do qui-quadrado de Pearson em tabelas não quadradas (número de linhas e colunas diferentes), ambos visando avaliar a distribuição dos dados das variáveis em relação aos níveis sintomáticos de ansiedade por meio dos escores dos IDATE (IDATE-T e IDATE-E).

Utilizou-se o teste Tau-b de Kendall para avaliar a correlação dos escores (IDATE) entre os dois índices (traço e estado), analisando a magnitude da correlação com variáveis sociodemográficas e clínicas (idade, período e medicamentos ansiolíticos utilizados). As análises foram realizadas no *software Statistical Package for the Social Sciences*, versão 25, e adotou-se um nível de significância de $p < 0,05$.

3 RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta a caracterização da amostra por meio da análise descritiva dos dados sociodemográficos e clínicos. Dos 286 estudantes universitários da área da saúde, a maioria era do sexo feminino (77,9%), com idade média de 23,3 anos (desvio-padrão DP= 4,9). Veteranos (87,9%), matriculados no curso de Medicina (44,2%), autodeclarados brancos (49,8%), solteiros (85,8%), que frequentavam universidades particulares (80,4%) e moravam principalmente no estado de Sergipe (58,2%).

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica e clínica dos participantes (N= 286). Aracaju, Sergipe, Brasil, 2021

Variável	N (%)	%
Etnia		
Amarelo	2	0,7
Branco	142	49,8
Indígena	6	2,1
Preto	26	9,1
Pardo	109	38,3
Sexo		
Feminino	222	77,9
Masculino	63	22,1
Estado civil		
Casado	17	6,0
Divorciado	1	0,3
Individual	267	93,7
Estado		
Alagoas	18	6,3
Bahia	9	3,2
Minas Gerais	16	5,6
Paraná	14	4,9
Rio de Janeiro	1	0,4
Rio Grande do Sul	6	2,1

Variável	N (%)	%
São Paulo	20	7,0
Sergipe	166	58,2
Outros	35	12,3
Curso		
Biologia	1	0,4
Biomedicina	13	4,6
Educação Física	3	1,1
Enfermagem	78	27,4
Farmácia	14	4,9
Fisioterapia	9	3,2
Fonoaudiologia	2	0,6
Medicina	126	44,2
Nutrição	5	1,8
Odontologia	2	0,6
Psicologia	29	10,2
Quiropraxia	1	0,4
Terapia ocupacional	2	0,6
Periodo		
1	11	3,9
2	24	8,4
3	19	6,7
4	17	6,0
5	40	14,0
6	35	12,3
7	24	8,4
8	74	26,0
9	19	6,5
10	21	7,4
12	1	0,4

Variável	N (%)	%
Tempo de curso		
Ingressantes	35	12,1
Veteranos	250	87,9
Instituição de ensino superior		
Comunitária	9	3,2
Privada	29	80,3
Pública	47	16,5
Uso de medicamentos ansiolíticos		
Sim	114	39,9
Não	172	60,1

Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação ao uso de medicamentos ansiolíticos, observou-se que 39,9% dos participantes usavam esses medicamentos. Nesse contexto, a Tabela 2 apresenta uma análise de correlação entre idade, período, quantidade de medicamentos ansiolíticos e ansiedade traço-estado. Vale ressaltar que não foi encontrada nenhuma relação estatisticamente significativa entre idade, período, quantidade de medicação ansiolítica e ansiedade de estado. O mesmo ocorreu entre o período, a quantidade de medicação ansiolítica e a ansiedade traço. Entretanto, houve uma correlação negativa fraca e significativa entre a idade e a ansiedade traço.

Tabela 2 – Correlação entre idade, período, quantidade de medicamentos ansiolíticos e ansiedade traço-estado entre universitários da área de saúde (N= 286). Aracaju, Sergipe, Brasil, 2021

Variável		Tipo de Ansiedade	
		Ansiedade-traço	Ansiedade-estado
Idade	T	-0,044	-0,114
	p	0,301	0,007
Período	T	-0,037	-0,066
	p	0,396	0,125
Quantidade de medicamentos ansiolíticos	T	0,132	-0,065
	p	0,081	0,390

-coeficiente de correlação de tau b de Kendall; significância no nível 0,05.

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisar a comparação do uso de ansiolíticos de acordo com o tipo de universidade e o sexo (Tabela 3), constatou-se que 42,3% dos estudantes do sexo feminino e 55,3% dos estudantes de universidades públicas fazem uso desses medicamentos. Notou-se uma associação estatisticamente significativa ($p=0,042$) entre o tipo de universidade e o uso de ansiolíticos, mas essa associação não foi observada em relação ao sexo. Esses dados sugerem que a instituição de ensino superior pode influenciar mais no uso de ansiolíticos entre os estudantes do que o sexo.

Tabela 3 – Comparação do perfil das instituições com o uso de ansiolíticos entre universitários da área de saúde (N= 286). Aracaju, Sergipe, Brasil, 2021

Variáveis	Uso de medicamentos ansiolíticos		p
	Sim	Não	
Instituição de ensino superior			
Comunitária	2 (22,2)	7 (77,8)	0,042*
Privado	86 (37,6)	143 (62,4)	
Público	26 (55,3)	21 (44,7)	
Sexo			
Feminino	94 (42,3)	128 (57,7)	0,146**
Masculino	20 (31,7)	43 (68,3)	

*Teste qui-quadrado de Pearson; **Teste exato de Fisher; significância no nível 0,05.

Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação ao uso de medicamentos ansiolíticos e à ansiedade traço-estado (Tabela 4), verificou-se que havia uma relação estatisticamente significativa entre a ansiedade-traço alta e o uso de medicamentos ansiolíticos ($p=0,019$).

Em termos de correlação entre sexo e ansiedade de estado, observou-se que uma proporção maior de mulheres (68%) apresentou níveis moderados de ansiedade em comparação com os homens (60,3%). Já sobre o sexo e à ansiedade traço, 51,8% das mulheres apresentaram altos níveis de ansiedade, enquanto 57,1% dos homens apresentaram níveis moderados. Esses dados sugerem a existência de diferenças na prevalência de ansiedade entre homens e mulheres, dependendo do tipo de ansiedade avaliada (estado ou traço).

A Tabela 4 revela que, durante o período de coleta de dados, os participantes usaram vinte e um medicamentos diferentes. Os BZD ansiolíticos (Diazepam e Clonazepam) foram os mais comumente consumidos, seguidos pelos antidepressivos da classe Escitalopram, Citalopram e Fluoxetina (SSRI) e Antidepressivos Tricíclicos (ADT) – Amitriptilina, respectivamente. Esses dados fornecem informações sobre os medicamentos mais comumente usados pelos participantes da pesquisa. É importante salientar que os participantes relataram que os medicamentos ansiolíticos utilizados não foram prescritos por um profissional médico.

Tabela 4 – Associação entre o uso de ansiolíticos e a ansiedade traço-estado em universitários da área de saúde (N= 286). Aracaju, Sergipe, Brasil, 2021

Variável	Ansiedade-estado			Ansiedade-traço			*p
	Sem ansiedade ou com ansiedade leve	Ansiedade moderada	Alta ansiedade	Sem ansiedade ou com ansiedade leve	Ansiedade moderada	Alta ansiedade	
Uso de ansiolíticos	2 (1,8)	69 (60,5)	43 (37,7)	1 (0,9)	46 (40,4)	67 (58,8)	0,019
Sexo							
Feminino	3 (1,4)	151 (68)	68 (30,6)	1 (0,5)	106 (47,7)	115 (51,8)	0,379
Masculino	0 (0)	38 (60,3)	25 (39,7)	0 (0)	36 (57,1)	27 (42,9)	
Diazepam	0 (0)	8 (72,7)	3 (27,3)	0 (0)	6 (54,5)	5 (45,5)	0,582
Amitriptilina	0 (0)	8 (72,7)	3 (27,3)	0 (0)	3 (37,5)	5 (62,5)	0,945
Bupropiona	0 (0)	4 (100)	0 (0)	0 (0)	2 (50)	2 (50)	0,911
Buspirona	0 (0)	2 (40)	3 (60)	0 (0)	2 (40)	3 (60)	0,977
Citalopram	0 (0)	9 (69,2)	4 (30,8)	0 (0)	7 (53,8)	6 (46,2)	0,552
Clonazepam	1 (2)	30 (60)	19 (38)	0 (0)	19 (38)	31 (62)	0,588
Desvenlafaxina	0 (0)	3 (60)	2 (40)	0 (0)	2 (40)	3 (60)	0,977
Duloxetina	0 (0)	2 (50)	2 (50)	0 (0)	2 (50)	2 (50)	0,911
Escitalopram	0 (0)	7 (87,5)	1 (12,5)	0 (0)	5 (62,5)	3 (37,5)	0,410

Variável	Ansiedade-estado			Ansiedade-traço				
	Sem ansiedade ou com ansiedade leve	Ansiedade moderada	Alta ansiedade	*p	Sem ansiedade ou com ansiedade leve	Ansiedade moderada	Alta ansiedade	*p
Fluoxetina	0 (0)	10 (50)	10 (50)	0,399	0 (0)	9 (45)	11 (55)	0,818
Fluvoxamina	0 (0)	0 (0)	2 (100)	0,186	0 (0)	0 (0)	2 (100)	0,490
Levomepromazina	0 (0)	1 (100)	0 (0)	0,720	0 (0)	1 (100)	0 (0)	0,474
Sertralina	0 (0)	4 (40)	6 (60)	0,301	0 (0)	4 (40)	6 (60)	0,952
Venlafaxina	0 (0)	3 (75)	1 (25)	0,720	0 (0)	1 (25)	3 (75)	0,793
Zolpidem	0 (0)	2 (66,7)	1 (33,3)	0,956	0 (0)	2 (66,7)	1 (33,3)	0,953
Bromazepam	0 (0)	3 (75)	1 (25)	0,821	0 (0)	2 (50)	2 (50)	0,911
Clobazam	0 (0)	1 (100)	0 (0)	0,720	0 (0)	1 (100)	0 (0)	0,474
Clorpromazina	0 (0)	0 (0)	1 (100)	0,435	0 (0)	0 (0)	1 (100)	0,702
Vortioxetina	0 (0)	1 (100)	0 (0)	0,720	0 (0)	0 (0)	1 (100)	0,702
Trazodona	0 (0)	2 (66,7)	1 (33,3)	0,956	0 (0)	1 (33,3)	2 (66,7)	0,953
Quetiapina	0 (0)	0 (0)	2 (100)	0,186	0 (0)	1 (50)	1 (50)	0,955

* Teste qui-quadrado de Pearson significativo para $p < 0,05$.

Fonte: Dados da pesquisa.

4 DISCUSSÃO

Este estudo analisou a correlação da ansiedade e do uso de ansiolíticos entre estudantes universitários da área da saúde. Os principais resultados mostraram que 58,8% dos estudantes investigados relataram o uso de ansiolíticos, sendo que a maioria da amostra era de veteranos. A presença de sintomas ansiosos leva os alunos a buscar soluções rápidas para lidar com a sobrecarga de atividades curriculares, incluindo o uso de medicamentos (NOGUEIRA *et al.*, 2021; PÉREZ *et al.*, 2023).

Além disso, a universidade é um ambiente crítico para o uso de medicamentos ansiolíticos e o desenvolvimento de padrões problemáticos de consumo desses medicamentos (VERA *et al.*, 2021). Um estudo constatou que 20% dos estudantes do último ano da área de saúde usam ansiolíticos diariamente devido à ansiedade antes dos exames, dificuldades para lidar com as responsabilidades acadêmicas e cumprir atividades de estágio curricular e/ou extracurricular (FOND *et al.*, 2019).

Também foi observada uma associação entre o tipo de universidade e o uso de medicamentos ansiolíticos. Estudantes do sexo feminino apresentaram maior ocorrência de uso desses medicamentos, resultado alinhado com os achados de outros estudos nacionais (AQUINO *et al.*, 2010; BOJANIĆ *et al.*, 2021; SOUZA *et al.*, 2022). Esse resultado pode ser parcialmente explicado pela maior exposição das mulheres à medicalização em todas as fases de sua vida, maior demanda por cuidados médicos e campanhas educativas mais direcionadas a elas (FORSTER *et al.*, 2019). Por outro lado, a menor porcentagem de participantes do sexo masculino pode ser atribuída à tendência dos homens de serem menos propensos a procurar ajuda para lidar com seus problemas de saúde mental (SOUZA *et al.*, 2022).

Também vale a pena acrescentar que, embora os estudantes universitários estejam em maior risco, a amostra deste trabalho foi composta principalmente por mulheres, o que pode ter influenciado os resultados. Esses estudos reforçam a ideia de que o uso de ansiolíticos e antidepressivos é comum entre estudantes universitários, especialmente entre as mulheres. Corroborando esses achados, um estudo com 449 estudantes de medicina no interior do estado de São Paulo revelou que 24,3% dos estudantes usavam medicamentos antidepressivos e/ou ansiolíticos, sendo a maior parte do sexo feminino (SOUZA *et al.*, 2022).

Outra investigação realizada com 983 estudantes de universidades públicas e privadas do Brasil mostrou que o uso desses medicamentos esteve associado ao sexo feminino, insatisfação com a saúde geral e estar em tratamento psicológico/psiquiátrico (SOUSA *et al.*, 2023). No entanto, é importante considerar a composição da amostra ao interpretar os resultados e realizar mais pesquisas para confirmar essas observações.

Em termos gerais, o principal achado do estudo foi que 58,8% dos estudantes da área de saúde com alta ansiedade traço e 60,5% daqueles com ansiedade estado moderada usaram medicamentos ansiolíticos. Além disso, os alunos de universidades públicas fizeram maior uso de ansiolíticos. Esses dados são corroborados por um estudo nacional realizado por Marchi *et al.* (2013), que revelou que 34% dos estudantes de enfermagem de uma universidade pública paulista têm ansiedade leve, e 16% deles usam ou já usaram algum tipo de medicamento ansiolítico.

Outro resultado importante desta pesquisa foi que, em comparação com os participantes do sexo masculino, as do sexo feminino apresentaram níveis mais altos de ansiedade moderada de estado.

Pesquisas recentes sugerem que a ansiedade de estado em estudantes universitárias está relacionada à ansiedade transitória, que varia de acordo com os estímulos emergentes de suas experiências acadêmicas e pode causar estados emocionais negativos temporários (DEER *et al.*, 2018; THOMAS; CASSADY, 2021).

Em contraste, um estudo internacional realizado por Nazir *et al.* (2021) relataram que estudantes universitárias do sexo feminino tinham níveis mais altos de ansiedade traço em comparação com os homens que tinham níveis mais altos de ansiedade estado. Bados *et al.* (2010) apontaram que as manifestações de ansiedade, traço em estudantes universitários, podem estar relacionadas a traços de personalidade e a uma tendência estável de sentir ansiedade em situações acadêmicas.

Outro achado relevante foi que os participantes utilizavam uma variedade de medicamentos para lidar com os sintomas de ansiedade, sendo os BZD os mais usados, seguidos pelos ISRS e ADT, respectivamente. Vale ressaltar que os dados apresentados fornecem informações sobre os medicamentos mais comumente usados pelos participantes no momento da coleta de dados da pesquisa. Nesse contexto, os ansiolíticos são considerados todos os medicamentos psicotrópicos classificados como antidepressivos, antipsicóticos, BZD, barbitúricos e outros medicamentos sedativos-hipnóticos que atuam em sintomas de ansiedade leves a graves (MORRIS *et al.*, 2021).

É importante destacar que o tratamento adequado da ansiedade requer acompanhamento psicológico, pois o uso exclusivo de ansiolíticos pode resultar em reações adversas ou dependência entre os estudantes universitários, prejudicando sua saúde física e mental (MORCERF; ACERO, 2021). Ansiolíticos como os benzodiazepínicos são frequentemente utilizados devido à sua ação ansiolítica, hipnótica, miorelaxante e anticonvulsivante (FEITOSA; CRUZ JUNIOR, 2021).

No entanto, o uso abusivo desses medicamentos pode ser motivado por diversos fatores, como automedicação e erros em prescrições médicas, levando a um aumento nas doenças relacionadas à psiquiatria. O uso irracional desses medicamentos pode causar dificuldades de desenvolvimento, aumento do investimento em saúde pública, prejuízo nas relações afetivas e estímulo ao uso de substâncias ilícitas. Além disso, o uso excessivo desses medicamentos pode causar danos irreversíveis à saúde, tornando os efeitos colaterais das drogas para ansiedade mais perigosos do que a própria doença. Entre os sintomas estão a diminuição da atividade psicomotora, prejuízo na memória, desinibição paradoxal, tolerância, dependência e potencialização do efeito depressor pela interação com outras drogas depressoras, principalmente o álcool (NERI *et al.*, 2020).

5 CONCLUSÃO

Os resultados dessa pesquisa mostram que pouco mais da metade de uma amostra de estudantes universitários da área de saúde usavam medicamentos ansiolíticos sem prescrição médica. Houve uma maior ocorrência do uso desses medicamentos entre as mulheres e entre os que frequentam universidades públicas. O estudo também revelou que uma parcela significativa dos estudantes universitários pode apresentar altos níveis de ansiedade-traço e aqueles com ansiedade-estado moderada

usam medicamentos ansiolíticos, sem um diagnóstico prévio de ansiedade ou transtorno relacionado. Esses resultados contribuem para o conhecimento na área, mostrando a presença de sintomas de ansiedade traço-estado entre os estudantes e a importância do uso do IDATE para a triagem de sintomas de ansiedade nessa população.

Além disso, esta pesquisa pode contribuir para a prática da psicologia da saúde, ampliando a atenção para o contexto universitário. A partir dessa investigação, constatou-se que a prevalência do consumo de ansiolíticos entre estudantes universitários foi maior do que o esperado, considerando o contexto (universidade) e o estágio do ciclo de vida dessa população (adulto jovem).

No contexto nacional, não há estudos que investiguem a relação entre a ansiedade e o uso de ansiolíticos em estudantes de diferentes cursos de graduação na área da saúde. Neste estudo, a participação foi maior entre os alunos dos cursos de enfermagem e medicina. Corroborando com isso, é sabido que as pesquisas existentes tendem a se concentrar nesses mesmos grupos de estudantes. Essa lacuna representa um desafio para universidades e pesquisadores, que precisam realizar estudos nessa área para refletir a realidade nacional e contribuir para a implementação de ações preventivas, bem como para avaliar sua evolução e impacto.

Este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. A primeira é o desenho transversal, que impede conclusões sobre relações de causa e efeito. Outra limitação é o pequeno tamanho da amostra, que pode afetar a representatividade dos resultados. Entretanto, os dados obtidos podem ser úteis para futuros estudos longitudinais, apesar da limitação do tamanho da amostra. Além disso, o uso de um questionário autoadministrado pode gerar viés de memória e interpretação das perguntas pelos participantes. A amostra também é limitada em termos de tipos de instituições de ensino superior, com baixa representatividade de universidades públicas e comunitárias.

Além disso, outra limitação do estudo é a composição da amostra, que era composta principalmente por mulheres. Para superar essa limitação em estudos futuros, pode-se tentar equilibrar a proporção de homens e mulheres na amostra, usando técnicas de amostragem estratificada ou por cotas. A generalização dos resultados deve ser feita com cautela, pois a amostragem por conveniência resultou em uma concentração maior de participantes do Estado de Sergipe, o que não garante a representatividade dos resultados para toda a população brasileira. Portanto, novas pesquisas devem replicar este estudo, considerando as limitações apontadas.

Apesar de apresentar limitações, esta pesquisa é uma das primeiras a investigar a correlação entre ansiedade e uso de ansiolíticos em universitários de diferentes cursos da área da saúde no país, o que confere mérito ao estudo. Os resultados mostraram uma frequência variando de moderada a alta de ansiedade estado e traço associada ao uso de ansiolíticos entre universitários da área da saúde. Diante disso, entende-se que a universidade é um ambiente favorável à promoção da saúde e, portanto, estudos que avaliem a ansiedade e subsidiem estratégias para seu manejo devem ser incentivados, a fim de reduzir a necessidade de uso de medicamentos entre os estudantes.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, A.P.L. *et al.* O uso de antidepressivos e ansiolíticos por acadêmicos dos cursos da saúde: em uma visão farmacêutica. **Rev Cient FacMais**, v. 19, n. 1, p. 1-19, 2022.

AQUINO, D. S. *et al.* Automedicação e pessoal acadêmico da área da saúde. **Ciêñ Saúde Col**, v. 15, p. 2533-2538, 2010.

AUERBACH, R. P. *et al.* Mental disorders among college students in the World Health Organization World Mental Health Surveys. **Psychol Med**, v. 46, n. 14, p. 2955-2970, 2016.

AUERBACH, R. P. *et al.* WHO World Mental Health Surveys International College Student Project: Prevalence and distribution of mental disorders. **J Abnorm Psychol**, v. 127, n. 7, p. 623-638, 2018

BADOS, A. *et al.* The state-trait anxiety inventory, trait version: Does it truly measure anxiety? **J Person Assess**, v. 92, n. 6, p. 560-567, 2010.

BALAPALA, K. R.; INDLA, D. Depression, anxiety, and stress among health science students belonging to nonaffluent families: a university-based study. **Int J Scient Stu**, v. 4, n. 12, p. 99-102, 2017.

BIAGGIO, A. M. B.; NATALÍCIO, L. **Manual para o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE)**. Rio de Janeiro: CEPA, 1979.

BLANCO, V. *et al.* Symptoms of depression, anxiety, and stress and prevalence of major depression and its predictors in female university students. **Int J Environ Res Publ Health**, v. 18, n. 11, p. 5845, 2021.

BOJANIĆ, I. *et al.* Psychological distress and use of psychotropic drugs among university students—the SHoT study, Norway. **Front Psychiatr**, v. 12, n. 1, p. 1-8, 2021.

CARLI, T. C. *et al.* Perceived quality of life among Brazilian medical students: initial findings from a follow-up study. **Psychol Health Med**, v. 27, n. 7, p. 1544-1552, 2022.

CHATTU, V.K. *et al.* An exploratory study of Quality Of Life and its relationship with academic performance among students in medical and other health professions. **Med Sci**, v. 8, n. 2, a23, 2020

DEER, L. K. *et al.* Anxiety and self-efficacy as sequential mediators in US college students' career preparation. **Educ Train**, v. 60, n. 2, p. 185-197, 2018.

DEMENECH, L. M. *et al.* Prevalence of anxiety, depression and suicidal behaviors among Brazilian undergraduate students: A systematic review and meta-analysis. **J Affect Dis**, v. 282, p. 147-159, 2021.

FEITOSA, R. S.; CRUZ JUNIOR, R. A. Depressão, ansiedade e o uso de psicofármacos na pandemia da COVID-19. **Rev IberoAme Human Ciên Educ**, v. 7, n. 10, p. 2925-2937, 2021.

FERREIRA, C. L. *et al.* Universidade, contexto ansiogênico? Avaliação de traço e estado de ansiedade em estudantes do ciclo básico. **Ciên Saúde Col**, v. 14, n. 3, p. 973-981, 2009.

FOND, G. *et al.* Psychiatric and psychological follow-up of undergraduate and postgraduate medical students: Prevalence and associated factors. The results from the national BOURBON study. **Psychiatr Res**, v. 272, p. 425-430, 2019.

FORSTER, M. *et al.* Adverse childhood experiences, ethnicity, and substance use among college students: Findings from a twostate sample. **Subst Use Misuse**, v. 54, n. 14, p. 2368-2379, 2019.

GAMA, R. *et al.* A relação entre o criticismo do treinador e a ansiedade dos atletas: O papel do mindfulness e do autojulgamento. **Rev Port Investig Comp Social**, v. 7, n. 2, p. 43-60, 2021.

GRÖS, D. F. *et al.* Psychometric properties of the State-Trait Inventory for Cognitive and Somatic Anxiety (STICSA): comparison to the State-Trait Anxiety Inventory (STAI). **Psychol Assess**, v. 19, n. 4, p. 369-381, 2007.

MACHADO, T. *et al.* Ansiedade estado pré-competitiva em atletas de voleibol infanto-juvenis. **Rev Brase Educ Física Esp**, v. 30, n. 4, p. 1061-1067, 2016.

MARCHI, K. C. *et al.* Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. **Rev Eletr Enferm**, v. 15, n. 3, p. 729-737, 2013.

MARTÍNEZ-LÍBANO, J. *et al.* Prevalence and variables associated with depression, anxiety, and stress among Chilean higher education students, post-pandemic. **Front Psychiatr**, v. 14, p. 1-9, 2023.

MORCERF, C.C.P.; ACERO, P.H.C. Saúde mental nas escolas médicas: Trabalhando com percepções de acadêmicos de Medicina. **Rev PsicoFAE**, v. 10, n. 1, p. 56-72, 2021.

MORRIS, M. R. *et al.* Use of psychiatric medication by college students: A decade of data. **Pharmacotherapy**, v. 41, n. 4, p. 350-358, 2021.

NAZIR, M. A. *et al.* A quantitative study of test anxiety and its influencing factors among medical and dental students. **J Taibah Univ Med Sci**, v. 16, n. 2, p. 253-259, 2021.

NERI, J. V. D. *et al.* Uso de ansiolíticos e antidepressivos por acadêmicos da área da saúde: uma revisão bibliográfica. **Braz J Develop**, v. 6, n. 10, p. 75673-75686, 2020.

NOGUEIRA, É. G. *et al.* Avaliação dos níveis de ansiedade e seus fatores associados em estudantes internos de Medicina. **Rev Bras Educ Méd**, v. 45, n. 1, p. 1-9, 2021.

PAIXÃO, J.T.S. *et al.* Prevalência de sintomas ansiosos e depressivos em universitários da área da saúde. **Enferm Foco**, v. 12, n. 4, p. 780-786, 2021.

PEREIRA, L.C.; RAMOS, F.P. Procrastinação acadêmica em estudantes universitários: uma revisão sistemática da literatura. **Psicol Esc Educ**, v. 25, p. 1-7, 2021.

PÉREZ, T. *et al.* Mental health and drug use in college students: Should we take action? **J Affect Dis**, v. 338, p. 32-40, 2023.

SILVA, R.S.; COSTA, L.A. Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes universitários da área da saúde. **Encontro Rev Psicol**, v. 15, n. 23, p. 105-112, 2012.

SPIELBERGER, C. D. *et al.* **STAI: manual for the State – Trait Anxiety Inventory**. Sunnyvale, CA: Consulting Psychologists Press, 1970.

SPIELBERGER, C. D. *et al.* The factor structure of the state-trait anxiety inventory. **Stress Anxiety**, v. 7, p. 95-109, 1980.

SOUSA, M.L.C. *et al.* Uso de ansiolíticos/antidepressivos por estudantes universitários em período pré-vacina na pandemia da COVID-19. **Rev ABENO**, v. 23, n. 1, p. 2170, 2023.

SOUZA, G.C.R.M. *et al.* Uso de ansiolíticos e antidepressivos entre estudantes de medicina de uma universidade. **Psico**, v. 53, n. 1, p. 1-10, 2022.

THOMAS, C. L.; CASSADY, J. C. Validation of the State Version of the State-Trait Anxiety Inventory in a university sample. **SAGE Open**, v. 11, n. 3, p. 1-10, 2021.

VERA, B. *et al.* ELSA cohorte 2014: Clases de consumo de alcohol, tabaco y marihuana en estudiantes universitarios argentinos. **Avan Psicol Latinoam**, v. 39, n. 2, p. 1-19, 2021.

ZICKAR, M. J.; KEITH, M. G. Innovations in sampling: Improving the appropriateness and quality of samples in organizational research. **Ann Rev Organizat Psychol Organizat Behav**, v. 10, p. 315-337, 2023.

Recebido em: 4 de Janeiro de 2024

Avaliado em: 13 de Abril de 2024

Aceito em: 6 de Junho de 2024

1 Psicóloga, Mestra em Psicologia. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Salvador, BA, Brasil. ORCID: 0000-0002-5943-540X. E-mail: maradantaspereira@gmail.com

2 Farmacêutica, Mestra em Ciências da Saúde. Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil. ORCID: 0000-0002-9774-9717. E-mail: miriadantaspereira@gmail.com

3 Farmacêutica, Mestra em Ciências Farmacêuticas. Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Medicina, Universidade Tiradentes, Aracaju, SE, Brasil. ORCID: 0000-0002-5557-260X. E-mail: michelefrag@hotmail.com

4 Psicólogo, Doutor em Psicologia. Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil. ORCID: 0000-0001-9149-3020. E-mail: joilsonp@hotmail.com

5 Graduado em Educação Física, Doutor em Atividade Física Esportiva e Saúde. Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres, MT, Brasil. ORCID: 0000-0001-8466-8865. E-mail: joao.alves1@unemat.br

6 Enfermeiro. Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil. ORCID: 0000-0002-7507-2629. E-mail: caiquenizio@gmail.com

7 Enfermeira. Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Enfermagem, Universidade Tiradentes, Aracaju, SE, Brasil. ORCID: 0000-0003-3031-1179. E-mail: paollaantuness24@gmail.com



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2024 Revista Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.